

**ABRA SOMENTE QUANDO AUTORIZADO**

Concurso Público  
Edital PROAD 59/2015



**UFOP**

Universidade Federal  
de Ouro Preto

**PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA  
CARGOS DO NÍVEL DE CLASSIFICAÇÃO E**

Leia **atentamente** as instruções abaixo:

1. Aguarde permissão para iniciar a prova.
2. Identifique-se na parte inferior desta prova. Você será excluído do concurso caso não tenha se identificado. Assine somente no local apropriado.
3. Este caderno contém 10 questões de múltipla escolha, valendo 2,0 pontos cada, perfazendo um total de 20,0 pontos.
4. Verifique se o caderno está completo e sem imperfeições gráficas que possam dificultar a leitura. Detectado algum problema, comunique-o, imediatamente, ao fiscal.
5. Você dispõe de, no máximo, quatro horas improrrogáveis para responder a todas as questões e preencher as Folhas de Respostas.
6. Cada questão de múltipla escolha apresenta apenas uma opção de resposta **correta**.
7. O preenchimento das Folhas de Respostas é de sua inteira responsabilidade. Preencha-as cobrindo somente uma opção, sem ultrapassar os limites. Use caneta azul ou preta.

<b>1</b>	<b>A</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<b>2</b>	<input type="radio"/>	<b>B</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<b>3</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<b>C</b>	<input type="radio"/>
<b>4</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<b>D</b>

8. Antes de retirar-se definitivamente da sala, devolva ao fiscal as Folhas de Respostas.
9. Após o aviso para início das provas, você deverá permanecer por, no mínimo, sessenta minutos no local em que elas são realizadas.

**Identificação do Candidato**

Nome (em letra de forma)

Nº da Inscrição

Assinatura:

**Prova de Língua Portuguesa**  
**Questões de 01 a 10 (Múltipla Escolha)**

Leia atentamente o texto a seguir e responda às questões propostas sobre ele.

São Paulo, domingo, 20 de junho de 2010 **FOLHA DE S.PAULO** **ilustrada**

Texto I

**FERREIRA GULLAR**

**Quando o errado está certo**

---

***Sabe-se que, para a maior parte dos linguistas, não existe isso de falar errado: todo o mundo fala certo***

---

- 1 MUITA GENTE torce o nariz quando um chatola, como eu, começa a reclamar dos erros de português que se cometem nos jornais e na televisão. Desses, muitos dos que os cometem são profissionais, mas estão pouco ligando para o que consideramos escrever e falar errado.
- 2 Sabe-se que, para a maioria dos linguistas, não existe isso de falar errado: todo o mundo fala certo. Aditem existir uma "norma culta", que obedece às regras gramaticais, mas violá-las não é propriamente errar. Ouvi de um deles que está tão certo dizer "pobrema" como "problema". Obtuso como sou, tenho dificuldade de entender por que eles mesmos vivem escrevendo livros e colunas em jornais, ensinando como se deve escrever. Ora, se não existe falar errado, por que ensinar?
- 3 Não deve o leitor concluir daí que sou aquele morrinha que vive catando os deslizes de cada um, mesmo porque não posso me considerar um grande conhecedor da língua. Gosto dela, prezo-a ou, melhor dizendo, considero-a uma das extraordinárias criações do gênio humano. Não é maravilhoso imaginar que, muito antes de surgirem os gramáticos, nossos ancestrais já falavam obedecendo às normas que tornaram o idioma meio de comunicação entre as pessoas e de invenção do nosso mundo cultural?
- 4 Pense bem nesta maravilha: a palavra "este" indica algo que está perto de mim; "esse", o que está perto de você; e "aquele", o que está longe de nós dois. Eis a linguagem expressando as relações reais do sujeito e das coisas do mundo. Não obstante, todos os locutores de rádio e televisão, como a maioria dos jornalistas, referindo-se ao que está perto de si, usam "esse" em lugar de "este". E isso é hoje tão frequente que já nem se repara.
- 5 Ninguém vai morrer por isso, mas não deixa de ser preocupante observar as pessoas deformarem e empobrecerem a língua, usando, por exemplo, "sobre" como regência de quase todos os verbos.

- 6 Em vez de "comentou os fatos" dizem "comentou sobre os fatos"; em vez de "quando falou do problema", dizem "quando falou sobre o problema"; em vez de "alertado do ataque", dizem "alertado sobre o ataque", e por aí vão. Em certas frases, o uso de "sobre" chega ao limite do desatino: "o deputado aguarda o desmentido sobre a denúncia", quando seria muito mais simples e elegante dizer "aguarda o desmentido da denúncia". Vá você, agora, explicar como surgiu essa mania do sobre, que espero seja apenas uma mania, como outras que surgiram e se foram.
- 7 Lembrem-se da época em que todos usavam a expressão "a nível de"? Servia para qualquer coisa, como ouvi um entrevistado afirmar que, "a nível de ração para porcos, o melhor seria...". Felizmente, essa mania passou, o que me faz crer que a língua termina por excluir de si as excrescências que nela se introduzem. Mas parece que nem sempre, porque, às vezes, o mau uso se generaliza e até mesmo se oficializa.
- 8 Existe coisa mais descabida do que chamar de "sambódromo" uma passarela para desfile de escolas de samba? Em grego, "-dromo" quer dizer "ação de correr, lugar de corrida", daí as palavras autódromo e hipódromo. É certo que, às vezes, durante o desfile, a escola se atrasa e é obrigada a correr para não perder pontos, mas não se desloca com a velocidade de um cavalo ou de um carro de Fórmula 1.
- 9 Muitas vezes, à irreverência junta-se a ignorância, a pouca leitura dos bons escritores. Não é que tenhamos de escrever como escrevia Camões, mas o conhecimento do idioma, em seus diferentes momentos históricos e em suas mudanças, ajuda-nos a preservar a língua no que tem de essencial como também a transformá-la sem lhe trair a natureza. É essa ignorância que leva alguns redatores de televisão a substituir "risco de vida" por "risco de morte", achando que esta é a expressão correta. Ganha-se em obviedade e perde-se em elegância.
- 10 Já mencionei aqui, noutra ocasião, a tal lei da termodinâmica, segundo a qual os sistemas tendem à desordem. Sendo a língua um sistema, está sujeita a desorganizar-se, como o atestam os exemplos citados, tanto mais hoje em dia, quando a TV induz milhões de pessoas a falar errado. Essa mesma TV que poderia se tornar um instrumento decisivo na luta contra a entropia. Ou será que escrever certo é elitismo?

---

**01.** Em "Quando o errado está certo", o autor

- A)** questiona o conceito dos linguistas de certo e errado no uso da língua, apesar de ser "... a linguagem expressando as relações reais do sujeito e das coisas do mundo", considerando isso um descaso com a língua materna.
- B)** propõe a necessidade de se adaptar a língua às várias situações comunicacionais, informais ou profissionais, para preservá-la "... no que tem de essencial como também a transformá-la sem lhe trair a natureza".
- C)** sugere o aprimoramento da capacidade comunicativa oral ou escrita da língua, considerando mesmo assim que às vezes "Ganha-se em obviedade e perde-se em elegância".
- D)** considera que a língua pode ser utilizada contextualmente, mas isso, "... em seus diferentes momentos históricos e em suas mudanças, ajuda-nos a preservar a língua no que tem de essencial...".

**02.** Considere o comentário a seguir:

“Ora, se não existe falar errado, por que ensinar?”

Refletindo sobre ele, e de acordo com o texto, podemos afirmar que o autor considera que

- A) só se justifica ensinar se for para corrigir um erro.
- B) certo e errado são conceitos relativos, considerados assim quando se ensina.
- C) as peculiaridades gramaticais da língua devem ser ensinadas.
- D) certo e errado dependem de fatores sociais, históricos e contextuais.

**03.** Assinale a alternativa em que o termo grifado **corresponda** a seu respectivo antecedente no texto.

- A) “Desses, muitos dos que os cometem são profissionais, mas estão pouco ligando para o que consideramos escrever e falar errado.” – desses: refere-se a jornais e televisão.
- B) “Desses, muitos dos que os cometem são profissionais, mas estão pouco ligando para o que consideramos escrever e falar errado.” – os: refere-se a jornais e televisão.
- C) “Pense bem nesta maravilha: a palavra "este" indica algo que está perto de mim; "esse", o que está perto de você; e "aquele", o que está longe de nós dois.” – nesta: refere-se ao último período do 3º parágrafo.
- D) “Ninguém vai morrer por isso, mas não deixa de ser preocupante observar as pessoas deformarem e empobrecerem a língua, usando, por exemplo, "sobre" como regência de quase todos os verbos.” – isso: refere-se ao 4º parágrafo.

**04.** Leia com atenção a seguinte frase do 4º parágrafo:

Não obstante, todos os locutores de rádio e televisão, como a maioria dos jornalistas, referindo-se ao que está perto de si, usam "esse" em lugar de "este".

A expressão sublinhada equivale, no texto, a:

- A) a despeito disso ...
- B) por causa disso ...
- C) em consequência disso ...
- D) em razão disso ...

**05.** Leia com atenção o sexto parágrafo do texto.

Em vez de “comentou os fatos” dizem “comentou sobre os fatos”; em vez de “quando falou do problema”, dizem “quando falou sobre o problema”; em vez de “alertado do ataque”, dizem “alertado sobre o ataque”, e por aí vão. Em certas frases, o uso de “sobre” chega ao limite do desatino: “o deputado aguarda o desmentido sobre a denúncia”, quando seria muito mais simples e elegante dizer “aguarda o desmentido da denúncia”. Vá você, agora, explicar como surgiu essa mania do sobre, que espero seja apenas uma mania, como outras que surgiram e se foram.

De acordo com o texto, ao utilizar a norma culta, verifica-se que as preposições, cujo uso correto é um indicador seguro do conhecimento da língua, desempenham um papel relevante com relação à regência.

Das frases a seguir, assinale aquela em que se verifica esse indicador e o cumprimento das normas gramaticais.

- A)** Os erros gramaticais os quais comentamos, e que se comente em jornais e revistas, não foram avaliados, nem se discutiu as possibilidades de uma boa revisão.
- B)** Gosto, prezo e considero a língua uma das extraordinárias criações do gênio humano, mas custo a entender porque não ocorre mudanças que obedeçam as normas de uso.
- C)** Lembro a época em que todos usavam a expressão “a nível de”, cuja utilização generalizada nos fazia crer que estava certa e até mesmo oficializada.
- D)** A lei da termodinâmica, cuja desordem todos os sistemas tendem, implica em desorganização e serve também de parâmetro para o uso da língua.

**06.** Leia atentamente o sétimo parágrafo do texto.

Lembram-se da época em que todos usavam a expressão “a nível de”? Servia para qualquer coisa, como ouvi um entrevistado afirmar que, “a nível de ração para porcos, o melhor seria...”. Felizmente, essa mania passou, o que me faz crer que a língua termina por excluir de si as excrescências que nela se introduzem. Mas parece que nem sempre, porque, às vezes, o mau uso se generaliza e até mesmo se oficializa.

Considerando que a expressão mencionada no excerto por si não está errada, mas o seu uso precisa estar alinhado ao contexto, assinale a alternativa em que se verifica esse alinhamento e também o comprometimento com as normas gramaticais.

- A)** Não posso dizer que quem comete desvios gramaticais não está a nível de exercer um cargo jornalístico, mas que é necessário a devida cautela no que diz respeito às consequências destes desvios.
- B)** Hoje, os pequenos jornais estão ao nível dos de grande circulação nacional, ainda que se questionem a elegância e o trato com que se dirigem aos seus leitores.
- C)** O conhecimento do idioma ainda é um problema a nível nacional, embora as condições de aquisição de suas normas seja mais acessível em termos tecnológicos.
- D)** Os meios de comunicação também poderia se tornar veículos de aprendizagem em nível de divulgação do idioma nacional, ajudando a preservar a essência da língua materna.

**07.** Leia com atenção o texto II, de Danilo Marcondes.

Pode até nos causar estranheza aquela pessoa que, como se costuma dizer, “fala como se escreve!”. Elementos do contexto, pressupostos compartilhados entre falante e ouvinte suprem com frequência “falhas” ou lacunas na expressão verbal. Porém, geralmente na linguagem escrita e principalmente em situações mais formais, como documentos legais e textos científicos e acadêmicos, supomos um uso em que as normas devem se aplicar com mais exatidão para evitar incompreensões, ambiguidades, omissões. Portanto, o critério do uso correto ou incorreto da língua depende da situação em que a empregamos, de nossos objetivos e interesses e da melhor maneira de alcançá-los. As normas linguísticas, que consolidam os padrões de uma língua, como na Gramática de Nebrija, têm fundamentalmente essa finalidade.

(Danilo Marcondes é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É autor de *A pragmática na filosofia contemporânea* e *Filosofia, linguagem e comunicação*.)

<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2013/306/lingua-modos-de-usar>

Analisando os textos I e II, podemos afirmar que

- A)** o autor do texto I não questiona os aspectos peculiares à expressão verbal, considerando apenas a linguagem escrita o objeto de seu questionamento.
- B)** de acordo com o autor do texto II, o compartilhamento entre falante e ouvinte supre a necessidade de correção na expressão verbal.
- C)** tanto no texto I, quanto no texto II, as normas que consolidam o padrão de uma língua devem ser consideradas como princípio, e não como fim.
- D)** os textos I e II justificam o motivo de se considerar a norma padrão de uma língua, baseando-se em argumentos que garantam a consolidação da comunicação.

**08.** Reflita com atenção sobre os textos a seguir.

Texto III

“Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.”

(Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.)

Texto IV



No uso da língua, assim como no vestir ou no portar-se à mesa, há formas avaliadas como certas e erradas. Para o filósofo Danilo Marcondes, o uso correto ou incorreto da língua depende da situação em que a empregamos, de nossos objetivos e interesses. (Foto: Sean McGrath/ Flickr – CC BY 2.0)

(<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2013/306/lingua-modos-de-usar> /Acesso em 12/01/2016)

Agora atente para as seguintes afirmativas retiradas dos textos I.

1º) “Não deve o leitor concluir daí que sou aquele morrinha que vive catando os deslizes de cada um, mesmo porque não posso me considerar um grande conhecedor da língua.”

2º) “... a língua termina por excluir de si as excrescências que nela se introduzem. Mas parece que nem sempre, porque, às vezes, o mau uso se generaliza e até mesmo se oficializa.”

Se analisarmos essas duas frases e levarmos em consideração as reflexões feitas nos dois textos desta questão, seria correto afirmar que

- A)** tanto nos textos III e IV, quanto no texto I, o conceito de “certo” e “errado” são juízos de valor circunstanciais.
- B)** apenas os textos III e IV consideram que o conceito de “certo” e “errado” dependem de fatores circunstanciais.
- C)** o autor do texto I refere-se ao conceito de “certo” e “errado” apenas como sinais de irreverência e deselegância.
- D)** nem o texto I, nem os textos III e IV aceitam e reconhecem o conceito de “certo” e “errado” como uma questão de gosto.

**09.** Observando a pontuação das orações subordinadas adjetivas (restritiva e explicativa), assinale a alternativa em que se apresenta a sua **correta** interpretação.

- A)** Os meios de comunicação, cujo papel educacional deveria ser inquestionável, não têm contribuído para a formação de bons leitores. – Nem todos os meios de comunicação possuem um papel educacional.
- B)** Os meios de comunicação que têm contribuído para a formação de bons leitores possuem um papel educacional inquestionável. – Todos os meios de comunicação têm contribuído para a formação de bons leitores.
- C)** Os meios de comunicação, cujo papel educacional deveria ser inquestionável, não têm contribuído para a formação de bons leitores. – Todos os meios de comunicação possuem um papel educacional inquestionável.
- D)** Os meios de comunicação, que têm contribuído para a formação de bons leitores, possuem um papel educacional inquestionável. – Nem todos os meios de comunicação têm contribuído para a formação de bons leitores.

**10.** Sabemos que a língua, enquanto uma entidade social, é dinâmica e sujeita a mudanças. É uma entidade viva e portanto se modifica, sofrendo adaptações. Como afirma Possenti (1996), “não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida”.

O texto I afirma no nono parágrafo:

“Não é que tenhamos de escrever como escrevia Camões, mas o conhecimento do idioma, em seus diferentes momentos históricos e em suas mudanças, ajuda-nos a preservar a língua no que tem de essencial como também a transformá-la sem lhe trair a natureza”.

Observe agora o que diz o Texto V:

S.O.S. Português

É correto dizer "risco de vida" ou "risco de morte"?

Editado por Beatriz Santomauro. Com reportagem de Gabriela Portilho

A forma mais precisa é "risco de morte" ou, melhor ainda, "correr o risco de morrer". Mas a expressão "risco de vida" não está incorreta, já que se associa à ideia de colocá-la em perigo. Seu uso está previsto no dicionário *Houaiss*, que cita a expressão "risco de vida" e é comumente encontrada em textos jornalísticos e literários. O psicanalista Contardo Calligaris, em artigo no jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, escreve: "Não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida".

Consultoria Odilon Soares Leme, professor de Gramática do Sistema Anglo de Ensino, em São Paulo, SP.

Pergunta enviada por Wilson Strunkis, Santa Maria, RS

Publicado em NOVA ESCOLA Edição 250, Março 2012.



Já o texto VI, a seguir, diz sobre o mesmo tema:

“A questão tem cerca de dez anos, talvez quinze. O certo é que quando Cazuza cantou, em 1988, ‘o meu prazer agora é risco de vida’ (na canção *Ideologia*), ainda não passava pela cabeça de ninguém corrigi-lo. Mais tarde, professores de português que exerciam o cargo de consultores em redações conseguiram convencer os chefes de determinados jornais e TVs de sua tese tolinha: ‘Como alguém pode correr o risco de viver?’, riam eles.”

Risco de vida ou risco de morte?

Por: Sérgio Rodrigues 15/07/2010 às 7:52

<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/risco-de-vida-ou-risco-de-morte/>

Acesso em 17/01/2016

Considerando esses três textos, podemos concluir que

- A)** o texto I não leva em consideração os usuários da língua como responsáveis pelo seu dinamismo normativo; a própria língua se dá conta de estabelecer-se como norma.
- B)** os três textos consideram mudanças na língua como adaptações aos novos usos a que seus usuários (a comunidade falante) as submetem.
- C)** os textos V e VI servem de exemplo do que o texto I afirma sobre o papel dos jornalistas e de alguns redatores de TV como responsáveis pela “entropia”.
- D)** os três textos consideram que a língua poderá sofrer modificações para dar conta da comunicação e expressão de seus usuários .

Concurso Público  
Edital PROAD 59/2015



**UFOP**

Universidade Federal  
de Ouro Preto